

O papel da memória discursiva nas produções escritas em língua inglesa como idioma estrangeiro

Maria Aldenora Cabral de Araújo¹

Resumo:

Este estudo tem como objetivo compreender o jogo dialógico de contigüidade entre as memórias discursivas da língua materna e da língua Inglesa presentes em enunciados escritos em inglês como idioma estrangeiro. Para isso, os operadores são analisados como atividade simultânea e recursiva da memória enquanto tessitura discursiva. Como pressupostos teóricos, destacam-se a Filosofia da Linguagem, representada por Bakhtin, e a Análise do Discurso, na figura de Pêcheux, Maingueneau, Orlandi, Lopes, Brandão, etc.

Palavras-chave: Memória discursiva; Língua materna; Língua Inglesa.

Abstract:

This paper has as purpose of analysing the dialogic play of contiguity between the Maternal Language and the English Language in expositions written in English as foreign language. For this, the operators are analysed as simultaneous and recursive activity of the memory while discursive tessitura. The theoretical bases are Philosophy of the Language, represented by Bakhtin, and Analyse of the Discourse, figured by Pêcheux, Maingueneau, Orlandi, Lopes, Brandão, etc.

Keywords: Memory; Maternal Language; English Language.

Introdução

Os estudos científicos sobre as produções escritas têm evoluído de uma visão centrada no produto para um enfoque nos processos de interatividade de participação do *eu* e do *outro* como construtor textual do enunciado.

Apoiando-se nessa segunda visão, Bakhtin construiu uma perspectiva em que o ser sujeito e o fato lingüístico só podem ser compreendidos em sua existência de contexto de enunciações dialógicas e precisas.

Em vista desse fundamento, a memória também se apresenta sempre como um espaço – tempo culturalmente e historicamente construído no interior das relações de práticas discursivas. Nestes termos, o gesto interpretativo do sujeito-autor é determinado pela sua relação com a memória inscrita e materializada pelo meio social mais amplo.

Assim, nessa relação, há uma gama de possibilidades de dizeres como efeito de um processo de deslocamento da memória. Esta, então, pode ser tomada através de dois atos: **atividade solipsista**², que impediria os deslocamentos de sentidos, a negociação coletiva; e **atividade histórica**, que é o espaço-tempo mobilizado pelas estratégias discursivas dos atos humanos.

Compreender como se dá a noção dessas memórias em um projeto de fala entre Língua Materna e Língua Inglesa, alicerçado sob a dialética bakhtiniana, é o desafio que esta abordagem aqui pretende visualizar.

Desse modo, o estudo versará, inicialmente, como a memória pode se transformar em produto ou em processo resultante de uma disputa de interpretações e significações para os acontecimentos lingüísticos. Em seguida, tecem-se considerações sobre como o irrepetível cria a memória na/para linguagem. Próximo, discorre-se que memória e língua devem ter um arcabouço coincidente que nos permite fazer aproximações dialógicas entre a língua materna e a língua estrangeira. Finalmente, uma reflexão sobre a importância da memória para a orientação do discurso vivo em direção aos discursos alheios com os quais o sujeito-escritor interage.

Memória discursiva: produto ou processo?

Pensar em que medida se dá a importância do papel da memória discursiva no processo da enunciação, a guisa de produções escritas em inglês, é colocar em relação a posição interdiscursiva da estrutura da língua portuguesa e da estrutura da língua inglesa.

Nessa relação, em ambas, as formações discursivas³ são sistemas de dispersão, abertos, desestabilizados. São constituídas, segundo Brandão (1991), pelas diferenças, pelas contradições, pelos confrontos do movimento de sentidos que determinam os objetos, as modalidades de enunciação dos sujeitos, os conceitos e as escolhas temáticas historicamente inscritas em sociedade.

Apoiando-se, em uma visão sócio-histórica do fenômeno lingüístico, Pêcheux (1999, p. 52) apresenta que o espaço do sujeito-escritor é interpelado por uma memória em que os discursos surgem como acontecimento e se constituem enquanto pré-construídos e origem de atos novos.

Tem-se aqui, pois, essa visão de memória discursiva presente na divergência arquitetônica que Bakhtin discute entre o Ser-teórico abstrato e o Ser-evento participativo. No primeiro caso, a realidade do mundo é uma **atividade solipsista** abstraída através de um conteúdo “[...] impenetrável fechado em si, como alguma coisa que não está entrelaçada no tecido unitário do meu pensar-experimentar emocional-volitivo, vivo e efetivo, como um momento essencial desse pensar-experimentar” (Bakhtin, 1993, p. 34). Nele, o sujeito-escritor é um não-existente, que tem o conteúdo da sua memória como um ato de abstração controlador da sua vontade própria. Por esse aspecto, o “histórico-individual (o autor, o tempo, as circunstâncias e a unidade moral de sua vida) é completamente imaterial” (Bakhtin, 1993, p. 3) e o conteúdo-sentido é universalmente válido. Assim apresenta Bakhtin (1993, p. 8) o seu olhar:

O conteúdo destacado do ato cognitivo passa a ser governado por suas próprias leis imanentes, de acordo com as quais ele se desenvolve como se tivesse vontade própria. Na medida em que nós entramos nesse

conteúdo, isto é, realizamos um ato de abstração, nós somos agora controlados por suas leis autônomas, ou, para ser exato, nós simplesmente não estamos mais presentes nele como seres humanos individualmente e responsabilmente ativos.

Ao passo que, no segundo caso, o Ser-evento participativo, a realidade do mundo se configura como um evento único e unitário através de uma consciência responsável, como expressão socioideológica, que emerge no terreno interindividual-concreto, na interação social. Diz Bakhtin (1993, p. 12-13),

O evento único do Ser não é mais algo que é pensado, mas algo que é; alguma coisa que está sendo real e inescapavelmente completado através de mim e de outros (completado, *inter alia*, também na minha ação de conhecer); ele é realmente experimentado, afirmado de uma maneira emocional-volitiva, e a cognição constitui apenas um momento desse experimentar-afirmar.

Nesse mundo, o sujeito-escritor identifica tanto a realidade de sua palavra com a função sígnea, isto é, a forma não se fixa ao conteúdo-sentido, pois há uma nova significação da forma, em cada enunciação. Quanto à memória, ela é entendida como estruturação de materialidade discursiva complexa e estendida numa dialética de conteúdo heterogêneo. Há, de acordo com Orlandi (2005, p.31), “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível”.

À luz das discussões em torno das produções em inglês, isso equivale a dizer que a materialidade dos enunciados das formações discursivas do português e do inglês é dependente da localização contextual. Assim uma palavra ou uma frase ou mesmo um enunciado inscrito em qualquer tipo de texto jamais será o mesmo, pois esses espaços explicam-se por uma dupla função do signo ideológico: o signo reflete a realidade (transposição do ser ao signo) e ao mesmo tempo refrata a realidade (passagem do signo ao ser).

Com esse movimento dinâmico, de via dupla, da realidade ao signo e vice-versa, Bakhtin considera os significantes do signo, presentes na memória, tanto como parte da realidade, já que são materiais que vivem e se modificam dentro das formas de intercâmbio social, quanto uma deformação da realidade, uma vez que adquire mais de um sentido ideológico e polissêmico ao ultrapassar suas próprias particularidades. Para Maingueneau (1987, p.120), um discurso não nasceria de um retorno às próprias coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos.

Nesse sentido, o centro organizador de toda enunciação em produções de inglês não é interior, mas exterior, pois está situado no meio social que envolve os indivíduos. No entanto, esta organização da enunciação nem sempre é tomada como espaço de deslocamentos de sentido e de negociação coletiva. Segundo Pêcheux (1999, p.52), isso acontece porque a ideologia do teórico abstrato trabalha com a repetição vertical de que cada palavra ou expressão enunciada em uma língua tem uma correspondente em outra língua. Aqui, então, a memória desdobra-se em paráfrase, em substituição, e o ato de enunciar torna-se alheio à historicidade; transformando-se, pois, em uma de-significação.

A memória, assim estendida, numa dialética de repetição e de regularização, seria aquilo que vem restabelecer os pré-construídos, discursos-transversos. Privada de seu conteúdo ideológico, a memória domesticada do sujeito-produtor, nas produções escritas em inglês, funciona com duas construções de esquecimento, apontada por Pêcheux (1975): uma em que o sujeito tem a ilusão de que é a fonte exclusiva do seu discurso, pois seleciona no interior das formações discursivas do inglês e do português – por um processo de co-referência pré-construída –, formas e seqüências que se encontram em relação de paráfrase; e a outra, em que o sujeito acredita que o seu discurso reflete o conhecimento objetivo da realidade.

Dessa forma os processos discursivos são apagados em nome de uma evidência de literalidade (relatividade). Os elementos e os sentidos dos discursos são reinscritos sob a forma de pré-construído, que se afigura sob a forma de universalidade. Há, assim, para este teórico, a ilusão de que se está produzindo coisas novas.

Ora, a memória, segundo Bakhtin (2000), não é, pois, uma esfera de conteúdo homogêneo e repetível, mas um espaço móvel de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de contra-discursos entre vozes presentes que são afetados pelo simbólico. Neste caso, o acontecimento movimenta e desregula o sistema de regularização da memória. Coexistiria, assim, sempre um jogo de força, com a memória trabalhando e sendo trabalhada na linguagem.

Nesse contexto, o mecanismo da repetição se transforma em irrepitível e se inscreve enquanto matéria de imagem significada. O reconhecimento do irrepitível, no enunciado verbal, cria a memória na e para a linguagem. Como afirma Bakhtin (2000, p. 348):

O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo, que, antes dele, nunca existiria, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc).

Memória na linguagem e para a linguagem

Em Bakhtin (1993), a memória na linguagem é uma instância de vozes anteriores constitutivas ao enunciado, a tal ponto que ela faz ouvir a voz do contexto de origem do texto. Ela faz com que um texto se apresente como um continuum de seu tempo e de seu meio. Sob essa ótica, pode-se considerar que, nas produções em inglês, as palavras remetem uma dimensão histórica e única do sujeito-autor com a memória discursiva da língua portuguesa. Há um já dito, diz Lopes (1978, p.100), combinando uma simulação com uma dissimulação, que regula a possibilidade do dizer, mas que chega ao sujeito-autor repleto de sentidos difusos no interior de práticas discursivas reguladas pela ideologia.

[...]nenhum objeto, nenhuma relação é dada aqui como algo simplesmente dado, como alguma coisa totalmente à mão, mas sempre é dado em conjunção com um outro dado que está conectado com aqueles objetos e relações [...]. (Bakhtin,1993, p. 32)

Dessa forma, a linguagem tem por essência a memória das vozes dos vários **eus** presentes no ato enunciativo. Há uma autoconsciência de que o **eu** (o português) mantém um caráter dialógico com a consciência ativa e isônoma do **outro** (o inglês), através da linguagem.

Assim, parece inevitável tomar a existência da memória da língua materna como um ato-evento singular que vai tornar possível o envolvimento com aquilo que é para-ser-alcançado (a memória da língua inglesa em produções escritas).

Sendo este um dos aspectos a ser discutido, pois se torna por si só incompleto, a memória para linguagem revela a materialidade dialógica das memórias enunciadas.

Segundo Bezerra (2005, p.198), em termos bakhtinianos isso significa dizer que a memória, para a linguagem, representa a relação interdiscursiva estabelecida entre ambas. Decorre daí uma memória como um espaço simbólico, multidimensional, que libera o texto das limitações de seu contexto, projetando para o que Bakhtin (1993, p. 10) nomeia de grande temporalidade, em que os sentidos podem ser reconstruídos de outro modo, enriquecendo a arquitetônica do ser-evento.

Nesse espaço, tudo que se enuncia, em produções em inglês, supõe uma dupla compreensão dialógica da memória entre o **eu** e o **outro**: “Compreender um objeto é compreender meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, compreendê-lo em relação a mim mesmo no Ser-evento único [...]” Bakhtin (1993, p. 18).

Assim, por um processo de identificação da individualidade deste outro, acrescenta Bakhtin (1993, p.15), “eu não me perco completamente, nem perco o meu lugar único de fora dela sequer por um momento. Não é o objeto que inesperadamente toma posseção de mim como alguém passivo. Sou eu que me identifico com o objeto: criar empatia é uma ato meu”.

Entende Brandão (1991, p. 87) que pela empatia

a existência de uma memória discursiva e a caracterização de efeitos de memória em discurso, produzidos numa dada conjuntura histórica, devem ser articulados com os dois níveis de formação discursiva: o nível interdiscursivo e intradiscursivo.

Só a partir desses dois níveis, acrescenta Brandão (1991) é possível criar um ato de retorno como excedente de visão.

Se criar é um ato de retorno a si mesmo, então a memória, para a linguagem, compreende a identificação de que a construção dos sentidos não se encontra nem no objeto a ser alcançado (o outro – o enunciado discursivo inglês), nem no que é dado (o eu – da enunciação discursiva em português). É a máxima do saber-poder bakhtiano (1993, p. 11) que busca: a interconexão entre o conteúdo e seu tom emocional-volitivo que está presente no ato da enunciação.

Nessa perspectiva, o experimentar ativo de uma memória, para a língua, significa

[...] um pensar que entona, e essa entonação impregna de uma maneira essencial todos os momentos do conteúdo de um pensamento. O tom emocional-volitivo circunfunde todo o conteúdo-sentido de um pensamento no ato realmente executado e relaciona-o ao Ser-evento único [...]. (Bakhtin 1993, p. 34)

Metodologia

Os seis enunciados analisados neste artigo foram extraídos de uma amostra aleatória de textos de opinião produzidos por alunos, jovem-adultos, de Língua Inglesa, de nível intermediário (4º período) e avançado (5º e 6º períodos), dos Cursos de Graduação em Letras: da Universidade Federal de Pernambuco e da Faculdade de São Miguel.

Procedeu-se a uma abordagem descritiva qualitativa de análise dos dados, alicerçada nos pressupostos teóricos da Filosofia da Linguagem e da Análise do Discurso Francesa. É importante salientar que o enfoque de ambas as análises incide na organização dos operadores discursivos. Estes, como bem postulam Roulet, Filletaz e Grobet (2001, p.

165), permitem recobrir relações interativas entre os constituintes discursivos combinados à dinâmica do encadeamento texto/discurso.

Análise do contraponto das memórias discursivas do português e do inglês no momento emocional-volitivo

O contraponto desse momento essencial, das memórias discursivas do português e do inglês, dá-se quando há, segundo Bakhtin (1993, p.37), “um movimento responsabilmente consciente da consciência, que transforma a possibilidade na atualidade de uma ação realizada (uma ação de pensar, sentir, desejar, etc.)”.

Para exemplificar esse movimento, toma-se, como exemplo, o operador *that is why*, dos fragmentos 1 e 2 apresentados abaixo:

Extração nº 1

“Light” or “ultra-light” cigarettes are just as harmful to your health as the common ones. That is why people, in Brazil, increase their consumption, believing that these kinds of cigarettes have the lowest quantities of dangerous substances (Informante⁴: Valentina).

Extração nº 2

It’s hard to believe that all the research about the dangers of cigarette smoking, more than a billion people worldwide still smoke cigarette. That is why people start to smoking very early when they weren’t aware of addiction and have example the parents (Informante: Marina).

No fragmento 1, o emprego da expressão *that is why* (Aquilo acontece porque), que deveria assumir a forma de *This is why* (Isto acontece porque), afasta-se da construção enunciada em inglês com o verbo ser que é um estado presente, próximo e real (são perigosos os cigarros de todos os tipos) e assume implicitamente uma construção com a memória discursiva da situação do locutor no Brasil que se distancia daqueles que fumam.

Enquanto isso, no enunciado 2, a articulação do operador *that is why* ocorre com a enunciação inscrita no enunciado (todas aquelas pesquisas) e com a presença dos

operadores de tempo *early* (cedo) e *when* (quando). Há, assim, uma relação de forças que desregula os implícitos: o fumo cedo (*early*), quando (*when*) não há consciência e exemplo dos pais, responde o porquê daquelas (*that*) pesquisas não funcionarem.

Em ambos enunciados, o movimento do pensar-experimentar emocional-volitivo, vivo e efetivo se faz presente pela auto-atividade do experimentar eu-sujeito-escritor que relaciona o dado (a realidade de sua palavra) com o que está ainda-por ser-definido (a função sígnea), em uma unidade concreta e única.

Nestes termos, pode-se apontar que nos enunciados 1 e 2, em inglês, há pontos de integração de duas consciências, de dois sujeitos, em que as memórias discursivas do português e do inglês encontram-se no que está concluído e no que está sendo elaborado em resposta ao primeiro. Constitui, assim, um modelo paramétrico em que o eu-para-mim (a memória discursiva do português) se relaciona “no pensamento do outro que manifesta sua vontade, sua presença, sua expressão, seus signos [...]” (Bakhtin, 2000, p. 330).

É o que também acontece nos fragmentos 3:

Extração nº 3

“Light” or “ultra-light” cigarettes [...] keep a billion of smoking addicts, **and, above all**, create the illusion that there is no danger. (Informante: Margarida)

Extração nº 4

And, however, the fact that some people keep up any resentment for the species that killed, hurt their friends and relative. **The fact** is that sharks are only doing what comes from natural for them: kill for survival, in self protection (Informante: Liz).

Um dado interessante, nos dois enunciados acima, é a presença do sobreuso de operadores. No fragmento 3, o operador *above all* (acima de tudo), de maneira sub-reptícia, quebra por instante a sequencia construída com o operador adicional *and*, de modo a resumir e a destacar de forma coercitiva a idéia mais importante que se quer veicular: Estes tipos de cigarros são realmente perigosos. Segundo Ringbom (1998), esse tipo de coerção –

presença de dois operadores que concorrem entre si, sobre o enunciado —, está bem relacionada aos estudantes de idioma estrangeiro que têm presente a materialidade sígnea da língua materna.

Aqui, abre-se espaço para uma indagação: estaria o sobreuso de operadores negando a presença do diálogo com a estrutura de uma memória discursiva do inglês, que primeiramente termina a sequência para então dar continuidade a uma outra?

Ao verificar que os operadores *and* e *above all* selecionados pelo sujeito-escritor pertencem à mesma categoria de adição, indicando um mesmo conteúdo enunciado e uma imprecisão lexical repetitiva, constata-se que o sobreuso também é uma contiguidade dialógica permanente entre a memória discursiva do português e do inglês; isto é, o sujeito-escritor, pelo processo da regularização, não rompeu com o diálogo entre essas duas memórias.

Esse fato é verificado também no fragmento 4. Neste, o enunciado construído com *however* assume semanticamente a mesma função de *even if* (mesmo que) e constrói uma relação deslocada com o operador *the fact* (o fato) que representa a relação *however* (contudo).

Este tipo de deslocamento foi observado pela reconstrução dos enunciados através da substituição dos operadores presentes por aqueles que realmente assumem essa função, ficando o enunciado assim: [**Even if**] *some people (...) relatives*, [**however**], *the sharks (...) protection*. (mesmo que algumas pessoas tenham ressentimentos, contudo os tubarões estão somente fazendo o que é natural para eles: matar para sobreviver e se proteger).

O motivo do operador *the fact* substituir o operador *however* tem resposta na relação de proximidade semântica-discursiva dos operadores em inglês. *The fact* é um operador topicalizador, que chama a atenção para uma idéia de destaque. O mesmo acontece com *however*, que tem esta função.

Um ponto importante que merece ser destacado é que a informante tinha conhecimento da existência de duas idéias presentes, pois acrescentou duas expressões que funcionam como operadores (*the fact that/ the fact*), mas demonstrou problemas de articular as mesmas. Isso acontece porque o enunciado iniciado com o operador *and*, que

simplesmente funciona como a continuidade da idéia veiculada pelo operador *the fact that* (o fato que) e conseqüentemente da memória da língua materna, é desregulado pela tentativa de intercalar a estrutura discursiva do inglês através dos operadores enunciados *however = even if* (mesmo que) ... *the fact = however* (contudo).

Contudo, essa identificação ativa do cruzamento das cadeias de memória do português e do inglês e a apreensão imediata pelos sentidos da fala do outro não acontece de uma maneira imediata e fortuita. Resulta, sim, de uma relação de contingência das funções de metáfora e de contigüidade, dentro de um processo que envolve duas posições do sujeito em relação ao outro.

Na primeira posição, há um predomínio da memória do eu e das interpretações que este dá ao enunciado do outro. Por não ter autonomia da memória do outro, é incapaz de sustentar o diálogo neste. Assim, faz uso de justaposições, de substituições, ou seja, de transferência parafrásica de um termo por outro que na língua materna tenha uma co-referência com o conteúdo-sentido do inglês. Exemplificando essa primeira posição, tem-se o uso do operador *in my opinion* presente no fragmento 5:

Extração n° 5

In my opinion, it's necessary not only increase the tougher penalties for who has handguns and makes crimes. It is necessary, basically, that politics of education be implanted and occupied the empty time of these people. killing is not the solution. Allowing guns for anybody do not resolve the problem of crimes (I: Patty).

Neste fragmento 5, constata-se que o operador *in my opinion* não polemiza a questão que pretende defender. Isso pode ser verificado, porque há uma soma de argumentos orientados por uma mesma voz social. A idéia foi assim formada:

- a) *Not only increase the tougher penalties [(/)]but also] politics of education [and] politics of empty time.*

Acrescido a esse discurso consensual, os enunciados sequenciados quebram parcialmente a possibilidade de se orientar, pois também encaminham enunciados socialmente justapostos, sem a presença de operadores argumentativos:

b) *Killing [/and] allowing guns do not resolve the problem of crime.*

Tal forma esquemática de acordo com Mithun (*apud* DOOLEY; LEVINSOHN, 2003, p. 203-204) é orientado pela memória da língua materna, uma vez que o enunciado ao fazer uso de construções flexíveis e livres é motivado mais por fatores discursivo-pragmáticos do que por regras gramaticais. Distanciando-se, assim, das construções do inglês que *sintaticamente são orientadas* para uma configuração tópico-comentário (*brainstorming*), na qual o tópico e o comentário estão ligados de modo fixo e rígido às regras gramaticais.

Respaldoando-se em Bakhtin (2000), pode-se dizer que o enunciado 5 acima cria a ilusão do mundo da transparência de sentidos estabilizados, em que o sentido ideológico das palavras é separado de seus contextos possíveis de uso de cada forma particular, via estruturas paralelísticas. “Mesmo assim validado no evento da abstração, pois os mecanismos enunciativos revelam não a voz do eu construída em confronto com o outro” (BAKHTIN, 2000, p. 330).

Quanto à segunda posição, observa-se o processo de autonomia da memória discursiva do sujeito-escriptor. A memória passa a funcionar de acordo com os referenciais propriamente lingüístico-discursivos do intercâmbio das duas memórias, português e inglês. Como exemplo desta segunda posição, destaca-se o fragmento 6:

Extração nº 6

That's may be why so many people believe in the relation: tougher laws are lower number of deaths (Informante: Conchita).

Nesta extração, a informante busca intensificar o enunciado discursivo, primeiro, introduzindo, no centro do operador, em inglês, *That's why*, o verbo modal *may* (poder) e o

verbo *to be* (ser). Em seguida, acrescentando um operador *so* (então) que reflete a conclusão de um discurso já então iniciado por uma expressão integrada *that's may be why*, e, por último, ligando o operador numérico de escala de valor *many* à forma nominal *people* (criando assim a construção **Então, isto pode ser porque muitas pessoas**).

O que se observa nessa atitude é a busca de uma interação cuidadosa a partir do que já está sedimentado na própria língua portuguesa, reforçando, assim, que um sobreuso de operadores tem a qualidade de falar algo, de fazer a ponte de articulação entre a língua e o discurso do sujeito/autor. Veja-se que, neste caso, o operador em inglês é somente a expressão *That's why*, mas que aos poucos a informante vai acrescentando expressões do português traduzidas para o inglês. De Cock et al. (1998) chamam esses operadores de articulações pré-fabricadas que dão origem a uma variação do inglês como idioma estrangeiro, pois uma regularização em uma língua materna se relaciona dialogicamente com uma outra em língua estrangeira.

Pode-se, por assim dizer, que, em enunciados, como o fragmento 6, há uma interpenetração de relações metonímicas dentro de um princípio participativo de contiguidade do evento de que o outro dá a forma do eu como produto acabado. Veja-se o que diz Bakhtin (2000, p. 314):

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.

Nessa citação, o eu-para-mim é dado por uma memória exotópica que ocupa um único e irrepetível lugar pelo fato do meu não álibi no ser. Há, nesse caso, a presença da memória recursiva tanto da voz do autor que produz o texto, avalia, comenta, critica ou sugere algo do que foi enunciado, quanto da voz do tu/outro detectada implícita ou explicitamente em enunciados de outros seres humanos ou entidades humanizadas.

Considerações finais

Longe de tentar oferecer definições conclusivas sobre a memória discursiva, o que motivou este artigo foi a possibilidade de observar um saber discursivo que possibilita um contraponto entre duas línguas tão diferentes, quanto o português e o inglês.

E este contraponto só é possível se pensarmos na memória como enunciação completa, concreta e não reiterável que se apresenta como tal por estar inserida numa situação histórica e social que a originou.

Nesse contexto, as vozes do português e do inglês, existentes no interior de um discurso, não somente são retomadas, como haveria um constante diálogo de oposição entre as mesmas, concorrendo para a desestabilização do discurso.

O que se quer dizer é que, se a língua materna está associada a um processo de transparência de experiência e de estabilidade natural, com a presença da língua inglesa, a outra voz, essa “ilusão de transparência pensamento-linguagem-mundo é imediatamente afetada” (CELADA, 1999, p. 309). O que era tido como dado natural vai ser questionado no confronto entre duas formas de recortar o real, de interpretar o mundo. Nesse sentido, a memória se apresenta como um espaço-tempo de relações e de construções de sentidos de novas enunciações.

Referências

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato*. Traduzido da edição americana. Trad.: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993.

_____. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000/2003.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

CELADA, M. T. Um equívoco histórico. In: INDURSKY, F. & FERREIRA, M. C. L. (orgs.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Coleção Ensaios, vol. 12. Porto Alegre: Editora Sagra, 1999. p. 301-320.

DE COCK, S. et al. An automated approach to the phrasicon of EFL learners. In: GRANGER, S. (Org.). *Learner English on Computer*. New York: Longman, 1998. p. 67-79.

DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do discurso: conceitos básicos em lingüística*. Tradução de Ruth Julieta da Silva e John White. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante*. São Paulo: Cultrix/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp- Editora Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et ali. *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p 49-57.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

RINGBOM, H. Vocabulary frequencies in advanced learner English. In: GRANGER, S. (Org.). *Learner English on computer*. New York: Longman, 1998. p. 41-52.

ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurant; GROBET, Anne. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

Notas:

¹ Maria Aldenora CABRAL DE ARAÚJO, Mestre em Lingüística/2009 pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
E-mail: maca.duda@ig.com.br.

² Solipsismo é uma expressão do latim *solu-* só+ *ipse-* mesmo que corresponde à expressão **só o eu**. Firmou-se como corrente filosófica a partir da idéia de que só o eu e as minhas próprias experiências são reais. Assim, os objetos físicos e as outras mentes não têm existência a não ser na minha mente. Como grande representante dessa perspectiva, destaca-se René Descartes que defendeu o solipsismo transcendental através da concepção de que o **eu** aparece como unidade imediatamente presente a si mesmo na intuição de que a única certeza que se tem é que se o homem pensa, logo ele existe. Em Bakhtin (2003, p. 35), atividade solipsista é um ato individual de abstração em que o ser-solipsista dialoga consigo mesmo e se coloca diante do seu outro como diante de uma coisa sem voz. É a coisificação do objeto para o sujeito: “Para mim, o outro está inteiro no objeto, e seu eu não passa de objeto para mim” (Bakhtin, 2000, p. 57).

³ Conceito empregado por Pêcheux (1999) que compreende a Formação Discursiva (FD) como lugar de construção de sentidos, circunscrito tanto na zona do dizível quanto no lugar do não dizível. Além disso, a FD delimita aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito em uma posição discursiva a partir de um momento e de um contexto dados.

⁴ O nome dos informantes é um codinome escolhido pelo próprio sujeito da pesquisa.